



FICHA TÉCNICA

Título

Fragmenta Historica – História, Paleografia e Diplomática

ISSN

1647-6344

Editor

Centro de Estudos Históricos

Director

João José Alves Dias

Conselho Editorial

João Costa: Licenciado em História pela FCSH/NOVA. Mestre em História Medieval pela FCSH/NOVA. Doutor em História Medieval na FCSH/NOVA

José Jorge Gonçalves: Licenciado em História pela FCSH-NOVA. Mestre em História Moderna pela FCSH/NOVA. Doutor em História Moderna pela FCSH/NOVA

Pedro Pinto: Licenciado em História pela FCSH/NOVA

Conselho Científico

Fernando Augusto de Figueiredo (CEH-NOVA; CLEPUL – FL/UL)

Gerhard Sailer (Diplomatische Akademie Wien)

Helga Maria Jüsten (CEH-NOVA)

Helmut Siepmann (U. Köln)

Iria Vicente Gonçalves (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

João Costa (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

João José Alves Dias (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

João Paulo Oliveira e Costa (CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Jorge Pereira de Sampaio (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

José Jorge Gonçalves (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Julián Martín Abad (Biblioteca Nacional de España)

Maria Ângela Godinho Vieira Rocha Beirante (CEH-NOVA)

Maria de Fátima Mendes Vieira Botão Salvador (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

Design Gráfico

Ana Paula Ferreira

Índices

João Costa

Imagem de capa

Albrecht Dürer (1471-1528)

Die vier apokalyptischen Reiter – os quatro cavaleiros apolípticos

Xilogravura – 1498

1.ª ed.: *Die heimlich Offenbarung Iohannis* [Die Apokalypse]. Urausgabe 1498

2.ª ed. texto em latim: *Apocalipsis cum figuris*. Ausgabe 1511



SUMÁRIO

Imagem da capa: Os auxiliares da morte: ontem éramos seis, hoje somos apenas dois, p. 9
João Alves Dias

ESTUDOS

A assinatura do rei D. Dinis: observações para o estudo da chancelaria real portuguesa medieval,
p. 13
Saul António Gomes

O papel da diplomacia na preparação da conquista de Ceuta, p. 37
Diogo Faria

Gerir uma vila alentejana no século XV: as finanças municipais de Elvas em 1432-1433, p. 55
Joana Sequeira e Sérgio Ferreira

Viagem e naufrágio de uma nau da carreira da Índia: o caso da São Francisco Xavier (1623-1625),
p. 71
Marco Oliveira Borges

MONUMENTA HISTORICA

Diana Martins, António Castro Henriques, Daniela Fernandes Santos, Pedro Pinto, Inês Olaia, Carlos Silva Moura, Maria Teresa Morujão Novais de Oliveira, Miguel Portela, Pedro Mota Tavares, Ana Isabel Lopes

Contenda de vizinhança entre Portalegre e o Crato [1301-1672], p. 95

Carta de D. Dinis a Jaime II de Aragão pedindo a libertação de dois corsários do Algarve [1305],
p. 99

Carta de D. Afonso IV ao Infante Jaime de Aragão sobre os rumores do casamento do Rei de Castela com a sua filha [1325-1327], p. 101

Lista dos naturais da Igreja de Vilar de Porcos, Terra da Maia (1329), p. 103

Carta de emprazamento de uma casa na alcáçova de Lisboa, ladeada pelos paços régios e a Casa dos Contos [1364], p. 107

Matrículas de ordens menores do bispado de Évora (1472), p. 109

Carta de D. João II a Fernando, Rei de Castela e Aragão, sobre a chegada a Lisboa do almirante D. Cristóvão Colombo (1493), p. 119

Carta de D. João II a Fernando, Rei de Castela e Aragão, sobre a suspensão da saída de navios para prosseguir as descobertas (1493), p. 121

Carta de D. João II a Diogo de Sousa (1493), p. 123

Carta de D. João II a Diogo de Sousa (1493), p. 125

Carta da Senhoria de Siena a D. Diogo de Sousa (1495), p. 127

Carta de D. Jorge da Costa a D. João II (1495), p. 129

Inventário dos bens de Catarina Loba (1498), p. 131

Carta de D. Manuel I a Fernando, Rei de Castela e Aragão, sobre os cristãos-novos castelhanos que saíam do Reino (1507), p. 157

Apontamentos apresentados pela cidade de Coimbra a D. Manuel I (1510), p. 159

Carta da câmara de Coimbra a D. Manuel I sobre um cristão-novo (1510), p. 163

Memória da tomada da fortaleza de Catifá, ordenada por D. Afonso de Noronha, vizo-rei da Índia (1551), p. 167

Lista das casas nobres que vagaram no Reino de Portugal (c. 1577), p. 211

Jornada do Duque de Bragança da primeira vez que foi beijar a mão de Sua Majestade, em Elvas (1581), p. 215

Relato da jornada de D. Catarina de Bragança a Vila Boim onde a veio visitar o Rei D. Filipe I de Portugal (1581), p. 219

Relato da chegada a Lisboa de Filipe II de Espanha (I de Portugal) (1581), p. 223

Relato da viagem de Filipe II de Espanha (I de Portugal) até Almada (1581), p. 227

Inventário dos bens de Belchior de Amorim, falecido em Olinda (1595-1597), p. 229

Apontamentos de natureza histórica e genealógica sobre João Fernandes da Silveira, Barão do Alvito, com resumos de escrituras existentes no seu cartório [post. 1659], p. 239

Obras nas igrejas da Figueira da Foz, Tavarede e Buarcos (1708), p. 247

Doação do arquiteto Fr. João de Santo António a seu sobrinho Domingos da Costa (1708), p. 249

Procuração do sineiro Domingos Rodrigues do Espinhal (1709), p. 251

Contrato da obra da capela das almas na Igreja de S. Silvestre (1734), p. 253

Renúncia dos serviços do bispo de Angola Dom Luís Simões Brandão a favor do juiz de fora da vila de Coruche Francisco Xavier Mendes (1737), p. 257

Dote de Maria de Jesus para ser recolhida no recolhimento de Jesus Maria José do Louriçal (1738), p. 261

Procuração do entalhador João António da Silva ao arquiteto Miguel Francisco da Silva e ao mercador Francisco José de Araújo (1739), p. 267

Obras do marceneiro João Ferreira Quaresma na igreja da colegiada de S. Bartolomeu de Coimbra (1770), p. 269

Doação de Maria Joana de Melo ao novo convento que se pretendia fazer em Vila Pouca da Beira (1780), p. 275

Petição mista dos moradores em Rihonor de Castilla pedindo a isenção do pagamento de contribuições (1782), p. 279

As obras da capela-mor da igreja de S. Pedro de Buarcos (1790), p. 281

Pedido dos moradores de Petisqueira, Guadramil, Rio de Onor e Valverde para redução do foro a um preço certo em dinheiro (1799), p. 287

Plano de Miguel Carlos Caldeira acerca da administração do convento de Mafra (1801?), p. 289

Carta da Estação de Saúde do porto de Esposende sobre portos inspecionados e declarados suspeitos de cólera e febre amarela (1865), p. 293

ÍNDICE

Índice antroponímico e toponímico deste número, p. 295

LISBOA
2019

EDITORIAL

SETE. Desde cedo que o sete é considerado um número perfeito.

Segundo o Génesis ao sétimo dia *lavee* contemplou a sua obra... gostou e ela continuou até hoje. Será esta contemplação e este número um bom sinal? Esperemos que sim. O Rei português Duarte teorizou que tudo tem um ciclo de sete – embora se estivesse mais a referir às idades em que se organizava a vida do Homem. Aceitemos então que o sete foi a idade da infância da *Fragmenta Historica*. Graças ao empenho de um grupo de amigos do Centro de Estudos Históricos conseguiu-se o feito de chegar até aqui. A todos o Obrigado.

Os Centros de Investigação da FCSH mudam de lugar físico. O CEH – fundado aquando da formação da Faculdade – optou por não concorrer aos fundos de apoio da FCT. Embora seja uma Unidade de Investigação independente e com personalidade jurídica autónoma encontra-se ligado a essa matriz, à matriz que os fundadores da novel Faculdade da UNL procuraram implementar desde o primeiro momento: privilegiar a publicação de fontes e os seus estudos como pilar sustentado da investigação que perdurará ao longo dos séculos.

Assim este número SETE mantém-se fiel ao espírito de todos os outros que o antecederam. Na sua génese encontram-se as fontes primárias – os documentos – e vários estudos da sua aplicação prática, abordando temas estimulantes e inovadores. A História – como interpretação – pode depressa deixar de estar válida: a verdade é sempre uma construção de cada momento. O documento – desde que autêntico e sem ser forjado – será sempre válido e sempre permanente.

Com a esperança que encerrado este ciclo de sete números outro ciclo se começa, por um novo período até ao número catorze e, o devir do futuro lhe dará o seu valor.

Campo de Santa Clara, 10 de abril de 2020.

RELATO DA CHEGADA A LISBOA DE FILIPE II DE ESPANHA (I DE PORTUGAL) (1581)

Transcrição de Maria Teresa Morujão Novais de Oliveira
CHAM – Centro de Humanidades, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa,
Universidade dos Açores

Resumo

1581, Lisboa, junho, 7

Relato da entrada de Filipe II de Espanha, I de Portugal, em Lisboa e das festas que aí se fizeram.

Abstract

1581, Lisbon, 7 June

Account of the arrival of Philip II of Spain, I of Portugal, in Lisbon, and of the celebrations held there.

Madrid, Instituto de Valencia de Don Juan, E5, T. II, 75, f. 184-185v.

© *Fragmenta Historica* 7 (2019), (223-225). Reservados todos os direitos. ISSN 1647-6344

¹Documento

En Lisboa cete de junio 1581

Su magestad se embarco en Almada en la galera real oy despues de comer y en ella vinieron el señor cardenal y los mas cavalleros castellanos y portugueses que le asistten y la conpañia de arcabuceros que aconpañã a su magestad que es muy luçida jente y muy buena y antes de entrar en ella se hico della y de las demas galeras que alli estavan una ermosa salva correspondiendo todos los navios y otros bateles que estavan desta parte de la çiudad, con lo qual se començo a levantar una niebla que la cubria y pareçio la çiudad y muçha cantidad de navios enbanderados començaron a salir de la çiudad gran cantidad de barcos y siete o oço bergantines ricamente entoldados de brocado y sedas y fueron aconpañando la capitana y llegando a las primeras naos començaron a haçer salva todas las que estavan en el rio hasta que llego su magestad a una puente que estava eçha de madera bien espaçiossa que entrava en el rio tanto que la galera llego cassi a zaborar en el agua en la qual desenbarco su magestad a pie llano y al llegar çerca de la dicha puente y al desenbarcar se començo otra salva como la primera a la qual respondio el castillo con algunos morteretes y pieças pequeñas y despues seis vezes toda la arcabuceria y mosqueteria que ay en el que fue muçha que fue galante cossa de lo oyr y se apareçieron todas las banderas que alli estavan por la parte que miran azi a la çiudad y marina. Y luego hizo una ermosa salva y mayor que todas la artilleria que estta a cargo de don Françes de Alava. Al fin de la puente estava eçho un arco grande triunfal² de ynbençion a costa de los mercaderes alemanes y flamencos que pareçia muy bien y tubo muçhas ystorias y porfias antiguas y significaçiones. Aviendo su magestad passado la dicha puentte y el arco se puso en un cavallo rosillo hijo del sainato que fue muy regoçijado, mas de lo que otras vezes, y alli llegaron los de la camara regidores que llamam breadores y otros ministros que suelen salir en semejantes actos e por un<o> dellos le fueron entregadas las llaves de la çiudad que eran dos grandes doradas y las llevava en la mano con un paño de brocado como quando se lleva una porta paz, su magestad las resçivio con rostro alegre y sonriendo se las bolvio al que se las avia dado deçiendole algunas palabras que no se pudieron bien entender a los que no estubieron çerca y aviendo llegado todos los dichos a bessalle la mano se puso debajo del palio que no era en eçesso aun que de buen brocado pero con solas oço baras doradas las quales llevaron oço delos que alli benieron bestidos unas ropas largas de raja negra con golpes en las mangas forradas en rasso morado o columbino y unas cassi como caperuças o bonetes françeses de terciopelo negro y en esta forma començo a caminar asta llegar a la puerta de la çiudad que seria alexos como un tiro de piedra adonde [en] medio de dos arcos que aquella puerta tiene estava pintado el sitio y rio y la çiudad de Lisboa de buelto con algunas letras y bersos en latin de buena ynbençion y a la entrada de la dicha puerta de la çiudad uno de los bareadores hizo relaçion y un raçonamiento a su magestad dandole de nuevo bassalaje y obediencia suplicole fuesse servido de los mandar perdonar si mas presto como fuera raçon no <se> la ubiessen dado que esto avia caussado el aver avido [fl. 184v] algunas personas ynquietadoras de la republica y que con adbersas yntençiones lo avian querido estorbar y que por las grandes calamidades de guerra y enfermedades que esta çiudad y reino a padeçido avian tenido menos dispussion para haçer a su felicissima entrada la demostraçion que devian a su real serviçio, a quien suplicavan resçiviesse su buena voluntad y desseo y los tubiesse sienpre en su buena graçia aziendoles la merçed y favor que esperavan de tanta grandeza y merçed y como lo avian reçevido continuamente de los reyes sus predeçesores de manera que no solamente entendiesse el mundo y se pudiesse dezir que este rey no se avia juntado y eçho union con la corona de Castilla y los demas reinos y estados de su magestad, pero que todas las otras coronas y reino se avian juntado y eçho union con este reyno y corona.

Su magestad con buen senblante le respondio que les agradeçia muçho lo que de parte de la çiudad se le deçia y la buena voluntad e yntençion que mostravan con su llegada y que tendria quenta con todo lo que a la çiudad se le ofresçiesse por la açer merçed y favor. Desde el dicho arco de los alemanes

¹ Os critérios de transcrição adotados encontram-se em Avelino de Jesus da Costa, *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, 3.ª ed., Coimbra, Instituto de Paleografia e Diplomática, 1993.

² Riscado “a costa”.

y flamencos que esta dicho asta la dicha puerta de la çudad avia por cada lado unas basas y columnas en cada parte çinco basas y quatro columnas distintas unas de otros como media pica y sobre las dichas basas estavan çiertas figuras y bultos significando los reynos y provinçias de la Yndia, yslas sujetas a esta corona haçiendo las ymagines demostraçion de lo mas fertil y <e>sençial que cada reyno produçe y sobre las columnas las armas dellas, que pareçio bien. Entrando en la çudad a un tiro de piedra estava en frente un arco que tomava una calle de los plateros que le hiçieron y aun que no fue muy suntuosa la adornaçion con muçhas pieças de plata blanças y doradas. De alli fue con grande espaçio a la yglesia mayor, y en aquellas distançias de camino avia por los lados otros alguns arcos y pinturas poco costosas <estubo> a la puerta el arçobispo de pontifical con todo el clero y ordenes que reaçivieron a su magestad con la cruz y çirimonias que se acostunbran y aviendo echo oraçion al Sanctissimo Sacramento estando de rodillas sobre un sitial llegaron hasta quinze regidores y breadores que alli benian y de rodillas suplicaron a su magestad con grande afecto que pues Dios avia sido servido de haze[r]lles tan grande y senalada merçed de averle traído a este reino a su magestad debaxo de cuya poderossa mano y anparo a esta çudad y reinos avian de reçevoir tanta merçed y favor y para que el contentamiento fuesse general y no quedase ninguna persona que en aquel feliçissimo dia dexase de gozar de tanta alegria y merced como Dios les haçia, fuese su magestad servido de mandar perdonar a todos los eçeptados en el perdon general mandandoles dar termino sufiçiente para se benir a entregar y eçharse a sus reales pies que a esta çudad y reino haria su magestad senaladissima merced y favor. Su magestad les respondió que estava bien que diesen memorial que el mandaria que se viesse lo que se podria hazer en lo que suplicavan y les procuraria azer toda merced y favor, y con esto salio de la yglessia y bolvio para la calle que avia salido para entrar en la Rua Nova la qual y todas las calles por donde su magestad ubo de pasar estavan ricamente adrecadas de [fl. 185r] colgaduras de sedas y telas y alcatifes y cossas de la Yndia y en algunas partes de la Rua Nova por los lados ubo arcos y pinturas bien obradas y a la entrada de la calle de los oribes de oro estava una basa grande de cassi dos estados y sobre ella una figura de bulto grande de muger que significava la justiçia en la mano dereçha tenia una corona de oro y un peso y balanças con unas letras en ytaliano que deçian *es caciatta da mortali al cielo asciesi, hora sotto il tuo scuto sicura al tuo governo dispeessi*.

Lo que desde alli hasta entrar en palaçio ubo que mirar no fue de muçha consideraçion ubo algunas danças de mugeres y foliones que es fiesta de la tierra y yendo por la Rua Nova ubo entre otras una de las regatonas y una dellas se llevo a su magestad y le dixo que todas aquellas regatonas y ella reçivian y juravan a su magestad por su rey e señoer en tanto que benia el rey Sevastian pero que biniendo se avia de volver con Dios a Castilla y le avia de dexar el reyno, de lo que su magestad se sonrrio muçho. Llego a palaçio a las siete de la tarde llevo casaca y he<rre>ruelo de raza sonbrero cubierto de anascote. Naide³ fue a cavallo sino todos a pie por ser la costumbre de aquel reino en las entradas de los reyes. Los grandes que aqui ay de Castilla no aconpañaron a su magestad. El señoer cardenal se quedo <en la galera> con el marques de Sancta Cruz y por el camino dereçho se fue a palaçio y desde unas bentanas que caen a la Rua Noba bio pasar a su magestad por ella el qual queda con salud a Dios graçias y le guarde.

[fl. 185v] De [...] de Lisboa



³ Nadie?



CENTRO DE
ESTUDOS
HISTÓRICOS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA